

Gramsci, América, América Latina

Alvaro Bianchi

Professor livre-docente do Departamento de Ciência Política
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Gramsci, América, América Latina

Resumo: ao contrário do tema Americanismo, que recebeu extensivo tratamento nos *Quaderni del carcere* de Antonio Gramsci, pouca atenção seu autor deu aos conceitos de América e América Latina. O artigo reconstrói a reflexão gramsciana sobre estes dois conceitos, mostrando como eles são discutidos tendo como referência a Europa. Com relação à América, o marxista sardo reflete a respeito da possibilidade desta expressar uma nova forma civilizacional na qual os intelectuais encontravam-se enraizados no mundo industrial. A América latina, por sua vez, constituiria um caso particular no qual uma *Kulturkampf* ainda não teria se desenvolvido plenamente e predominariam intelectuais tradicionais vinculados ao clero e às castas militares. Por fim, o artigo mostra como para Gramsci a presença na América e na América Latina de grupos subalternos – negros e indígenas – cujas culturas não poderiam ser reduzidas de modo simples à cultura europeia tornavam mais complexa a investigação sobre a questão política dos intelectuais e a formação dos modernos Estados nacionais.

Palavras-chave: 1. Antonio Gramsci; 2. América; 3. América Latina

Gramsci, America, Latin America

Abstract: unlike the Americanism theme, which received extensive treatment in the *Quaderni del carcere*, Antonio Gramsci expended little attention to the concepts of America and Latin America. The article reconstructs Gramsci's reflection on these concepts, showing how they are discussed with reference to Europe. With regard to America, the Sardinian Marxist reflects on the possibility of expressing a new civilizational form in which the intellectuals were rooted in the industrial world. Latin America, in turn, would be a particular case in which a *Kulturkampf* would not yet have developed fully and traditional intellectuals linked to clergy and military castes would predominate. Finally, the article shows how for Gramsci the presence in Latin America and Latin America of subaltern groups – blacks and Indians – whose cultures could not be simply reduced to European culture, configured the research on the political question of intellectuals in more complex field and reoriented to the study of the formation of modern nation-states.

Keywords: 1. Antonio Gramsci; 2. America; 3. Latin America

América e América Latina não são verbetes no *Dicionário gramsciano*; *Americanismo* é (LIGUORI; VOZA, 2017). O estudo do americanismo e do fordismo esteve presente desde o início do projeto de redação dos *Quaderni del carcere* e foi anunciado por Gramsci no elenco de temas para a pesquisa que inscreveu no início destes, com data de 8 de fevereiro de 1929 (Q 1, p. 5).¹ A redação das notas, que compõem o corpo principal dos *Quaderni* ainda demoraria para começar, mas imediatamente Gramsci iniciou o trabalho de tradução de textos. No dia 9 de fevereiro, um dia depois de inaugurar o *Primo quaderno*, Gramsci escreveu a sua cunhada, Tatiana Schuch que já escrevia na cadeia (L, p. 236) e no dia 11 de março informou sua esposa Giulia Schucht, que estava “empenhado em traduções do alemão” (L, p. 244).

As primeiras traduções de Gramsci correspondem a edição especial de 14 de outubro de 1927 da revista alemã *Die Literarische Welt*, dedicada à literatura norte-americana. A revista fazia referência à obra de autores como Frank Norris, Theodor Dreiser, Jack London, Upton Sinclair e Sinclair Lewis, ao cinema de Charles Chaplin e à crítica cultural de H. L. Mencken. Com a exceção de Sinclair Lewis, cujo romance *Babbitt* era considerado por Gramsci como uma importante “crítica dos costumes” e foi lido no cárcere, os demais autores não são citados nos *Quaderni*. Ainda assim, a tradução da revista cumpre um papel importante na pesquisa sobre o americanismo.

O retrato que surge das resenhas e comentários publicados na *Die Literarische Welt* e traduzidos por Gramsci é o de uma América pujante, cheia de contradições e energias. A Primeira Guerra havia permitido o amadurecimento da sociedade norte-americana e, desse modo, o surgimento de uma literatura própria, a qual se alimentava daquela europeia, mas era capaz de imprimir características especificamente nacionais. Destaque especial recebia a

¹ Para a datação dos parágrafos dos *Quaderni*, cf. Francioni (1984).

obra de Sinclair Lewis, cujos personagens, segundo um resenhista, encarnavam “um tipo nacional” contribuindo, desse modo, à criação de uma “história da civilização americana em forma de romance” (QT, p. 47 e 73). Sobre o romance *Oil*, de Upton Sinclair, outro resenhista registrou:

“Certamente não se trata de técnica artística, de um virtuosismo na arte da palavra, de uma pintura lírica de sensibilidade desperdiçada, mas da representação da brutal realidade econômica, da luta sem trégua, a pintura incorruptível da eterna luta entre os exploradores e os escravos do trabalho” (QT, p. 81).²

Gramsci não tinha em alta conta essa literatura norte-americana. Sobre *Michaël, cane di circo* (*Michael, Brother of Jerry*, 1917), livro de Jack London, afirmou que era artisticamente “insignificante”, embora gostasse de *Jerry dele isole* (*Jerry of the Islands*, 1917), *Zanna bianca* (*White Fang*, 1906) e *Il richiamo dela foresta* (*The Call of the Wild*, 1903) (L, p. 412). Quando mais tarde sua cunhada Tatiana comentou ter lido o romance *Elmer Gantry* (1927), de Sinclair Lewis, e alguns volumes de Upton Sinclair, Gramsci respondeu, em uma carta de 8 de maio de 1933, lembrando provavelmente a resenha que havia traduzido da revista alemã:

“Suas leituras me interessam e eu ficaria feliz em ler *Elmer Gantry* de Sinclair Lewis, embora não esteja disposto a acreditar que seja um ótimo livro. Acho que me lembro que Lewis faz um retrato, neste livro, da decomposição moral das seitas protestantes dos Estados Unidos. Mas esses livros americanos parecem-me, em geral, mecânicos, estereotipados, de verismo exagerado, um verismo de repórteres de jornais de grande porte. A grande falha de Lewis e do grupo de escritores a que ele pertence parece-me consistir em que lhes falta um forte interesse ético-político ou nacional-popular. Upton Sinclair é ainda mais baixo: é um sacristão medíocre da cultura” (L, 709).

O juízo que Gramsci registrou nos *Quaderni* a respeito do romance *Babbitt*, também de Sinclair Lewis, permite esclarecer essa opinião, bem como a importância atribuída por Gramsci a essa literatura: “Não se trata de um grande

² Não há referência nos *Quaderni* a esse romance de Upton Sinclair, mas Gramsci informou a Tania em carta do dia 16 de abril de 1928 que havia recebido uma edição francesa desse livro, embora provavelmente não o tenha lido (L, p. 183).

livro: ele é construído esquematicamente e o mecanismo é óbvio demais. Tem importância cultural e não artística: a crítica de costumes prevalece sobre a arte” (Q 5, § 105, p. 633-634).

Não era, pois, a estética literária norte-americana que despertava a atenção de Gramsci e sim a capacidade da literatura desse país expressar certas características particulares da sociedade, em especial o contraste com a Europa e sua cultura. Como destacou Giorgio Baratta, embora a edição de *Die Literarische Welt* não fosse excepcional, era o suficientemente bem documentada para permitir a Gramsci compreender a “modernidade’ dos novos meios de expressão nela difundidos, as ferramentas hegemônicas do americanismo: de um certo modo de entender o jornalismo à fotografia, cinema, música (o jazz)” (BARATTA, 2003, p. 142n).

Essa edição da revista alemã e suas leituras dos romances não foram as únicas fontes de Gramsci para o estudo da sociedade e da cultura norte-americanas. Na carta que escreveu para Tatiana Schucht em 25 de março 1929, Gramsci anunciou que já possuía duas traduções de Henry Ford para o francês – *Ma vie et mon oeuvre* (Paris: Payot, 1926) e *Aujourd’hui et demain* (Paris: Payot, 1926) –, além dos livros de André Siegfried – *Les États-Unis d’aujourd’hui* (Paris: Colin, 1928) – e Lucien Romier – *Quis era le Maître: Europe ou Amérique?* (Paris: Hachette, 1927). A este conjunto é importante acrescentar o livro de André Philip, varias vezes citado nos *Quaderni* – *Le problème ouvrière aux États-Unis* (Paris: Alcan, 1927).

Americanismo

Nessa carta de 25 de março na qual informou a respeito dos livros que já possuía Gramsci sintetizou seus planos de estudos, destacando três pontos: “1º história italiana no século XIX, com especial atenção à formação e desenvolvimento de grupos intelectuais; 2º a teoria da história e historiografia; 3º americanismo e fordismo” (L, p. 248). O interesse de Gramsci sobre o americanismo foi registrado ainda na lista de “ensaios principais” para uma história dos intelectuais italianos, a qual se encontra na abertura do *quaderno* 8, redigida provavelmente entre novembro e dezembro de 1930. A rubrica

“Americanismo e fordismo” aparece ali como um apêndice, um tema que não podia ser remetido ao interior de uma pesquisa sobre os intelectuais italianos, mas que certamente dialogava com ela.

Franco de Felice destacou, mais de uma vez, que a pesquisa sintetizada nessa rubrica articulava duas dimensões distintas, as quais só poderiam ser plenamente compreendidas na unidade orgânica que mantinham:

“Em Americanismo e fordismo, diferentes planos estão interligados, cuja combinação confere a este escrito um timbre particular e o torna um exemplo de análise histórica e política do presente. O ponto central é certamente constituído por uma série de considerações sobre o fordismo – como uma forma particular de organização do trabalho fabril e da ideologia associada a ele, em conexão com questões mais gerais relacionadas ao processo de reorganização do capitalismo (...) e sobre o americanismo como forma de organização das relações e humanas” (DE FELICE, 2016 [1972], p. 246; *Ibid.*, 2016 [1977], p. 360).

As dificuldades para a realização desses planos de pesquisa são conhecidas. Gramsci julgava não ter à disposição os materiais necessários pra empreende-la e sua saúde precária impedia que desenvolvesse o trabalho como desejava. Entre março e abril de 1932 ele reorganizou sua pesquisa em um conjunto de dez temas, com o título “*Raggruppamenti di materia*”, inscritos no verso da primeira página do *quaderno 8*, com vistas à produzir um conjunto de cadernos monográficos (Q, p. 264). Mas americanismo e fordismo não constavam desse longo elenco.

A ausência desse tema nesta última lista revela o caráter incompleto dela. Quando redigiu essa última lista, a pesquisa sobre o americanismo já estava concluída. Gramsci havia começado já no *Primo quaderno* a estudar o tema e fazer anotações a respeito. As primeiras menções à América são ocasionais. Mas já no § 61 a rubrica “Americanismo” aparecia pela primeira vez. O modo como o texto começa indica que o objetivo de Gramsci não era um estudo sobre a América e sim uma pesquisa sobre a capacidade do americanismo, como modo de organização da produção capitalista e modo de vida adequado a essa forma, difundir-se na Europa:

“Americanismo. O americanismo pode ser uma fase intermediária da atual crise histórica? Pode a concentração plutocrática levar a uma nova fase do industrialismo europeu a partir do modelo da indústria

americana? Provavelmente, a tentativa será feita (racionalização, sistema Bedaux, taylorismo etc.). Mas pode ter sucesso? A Europa reage contrastando suas tradições de cultura à América ‘virgem’. Essa reação é interessante não porque a chamada tradição cultural possa impedir uma revolução na organização industrial, mas porque ela é a reação da ‘situação’ europeia à ‘situação’ americana” (Q 1, § 61, p. 70).

A redação avançava cuidadosamente e expressava ceticismo. Gramsci era pessimista a respeito do desenvolvimento do americanismo na Europa. Acreditava que a persistência de estratos sociais próprios de sociedades pré-capitalistas, em particular de uma classe de “produtores de poupança”, “uma classe numerosa de ‘usurários’” que vivia ainda da exploração do trabalho primitivo dos camponeses dificultava o desenvolvimento de uma sociedade plenamente industrial. A América do Norte, por sua vez, não possuía essas “tradições”, estava livre dessa “camada de chumbo” demográfica e era essa “uma das razões da formidável acumulação de capital” (Q 1, § 61, p. 71).

Esse ceticismo manifestou-se, também, no § 135, no qual discutiu a possibilidade do corporativismo preconizado por Massimo Fovel ser o responsável pela introdução na Itália dos “sistemas industriais americanos”, uma hipótese perante a qual Gramsci expressou grandes reservas. A razão para tal estaria na incapacidade do Estado italiano assumir a função de direção econômica no sentido necessário para a realização da revolução econômico-financeira necessária para o desaparecimento dos rentistas e a americanização da península – “amortização do débito público, títulos da dívida nominais, taxação direta e não indireta” dos títulos” (Q 1, § 135, p. 125). Ou seja, faltariam à Itália tanto as condições sociais (demográficas), como as condições políticas para o americanismo.³

Embora Gramsci dedicasse alguns parágrafos em seus *Quaderni* à filosofia norte-americana, em particular ao pragmatismo (Q 1, §§ 34, 105; Q 004, § 176 e Q 117, § 122), à formação da potência dos Estados Unidos (Q 2, § 16) e ao Rotary Club (Q 1, §§ 51, 61; Q 04 §§ 38 e Q 05, §§ 52, 61), predominava na investigação o estudo do americanismo como um modo de organização da vida

³ Giuseppe Vacca destaca que embora as observações de Gramsci digam respeito à Itália, “a necessidade de reconduzir o capital financeiro à função de capital industrial diz respeito a toda Europa onde o predomínio do capital financeiro é uma herança do compromisso entre a burguesia liberal e os velhos estratos feudais” (VACCA, 2017, p. 138).

econômica ou como a ideologia própria desse modo. Dessa maneira, o americanismo, frequentemente, aparece no texto gramsciano inseparável do fordismo. A América não é, predominantemente, um objeto independente de investigação. Ela era a sede do americanismo.

América

Ainda assim, em algumas notas é possível perceber uma preocupação com uma definição mais precisa a respeito da América e da civilização que ali tinha lugar. A reflexão de Gramsci oscila. Em uma nota do *quaderno 3*, escrita em maio de 1930, a respeito de uma entrevista de Luigi Pirandello publicada na *Italia letteraria*, a pesquisa parece ganhar uma nova direção: “O problema não é se na América há uma nova civilização, uma nova cultura, e se estas novas civilizações e cultura estão invadindo a Europa”. De acordo com Gramsci essa questão teria uma fácil resposta: “não, não existe, etc., e de fato na América, a velha cultura europeia está sendo reformulada” (Q 3, § 11, p. 296). A questão que precisaria ser respondida seria outra: se a força econômica da América constrangeria a Europa a mudar sua direção econômica, isto é,

“se, isto é, se está criando uma transformação das bases materiais da civilização, o que a longo prazo (e não muito longo, porque tudo é mais rápido no período atual do que em períodos anteriores) levará a uma avassaladora civilização e ao nascimento de uma nova civilização” (Q 3, § 11, p. 296).

“se, isto é, se está criando uma transformação das bases materiais da civilização *europeia*, o que a longo prazo (e não muito longo, porque tudo é mais rápido no período atual do que em períodos anteriores) levará a uma avassaladora civilização e ao nascimento de uma nova civilização” (Q 22, § 15, p. 2179. Grifo meu).

A questão era posta de um ponto de vista econômico. Gramsci interrogava-se sobre a capacidade das mudanças econômicas que tinham lugar na América com a organização fordista do trabalho e o advento da grande corporação capitalista provocar mudanças perceptíveis na economia e na cultura europeia.

Na segunda versão da nota, inscrita no *quaderno 22* entre fevereiro e março de 1934, Gramsci parece deslocar sua atenção da América para a Europa mas o argumento permanecia circunscrito ao mundo da economia. Se uma mudança na base material ocorresse ela não levaria muito tempo para dar origem a uma “nova civilização”, porém, o texto esclarecia a seguir que uma nova civilização não estava surgindo. Uma nova forma de civilização não se verificava porque a relação entre as classes sociais na vida econômica permaneceria a mesma; as mudanças provocadas pelo americanismo e pelo fordismo seriam ainda superficiais:⁴

“Outra questão é que não se trata de uma nova civilização, porque muda o caráter das classes fundamentais, mas um prolongamento e intensificação da civilização europeia, que entretanto assumiu certas características no ambiente americano” (Q 3, § 11, p. 297).

“Que não se trata, no caso do americanismo, entendido não apenas como uma vida dos cafés, mas também como uma ideologia do Rotary Club, de um novo tipo de civilização, se vê em que nada mudou no caráter e nas relações dos grupos fundamentais: trata-se de uma extensão orgânica e uma intensificação da civilização europeia, que apenas assumiu uma nova epiderme no clima americano” (Q 22, § 15, p. 2180)

Esta maneira de colocar o problema parece enfatizar que o americanismo, como “ideologia do Rotary Club” não expressava uma forma social diferente da forma social capitalista, nem uma hegemonia que não fosse uma hegemonia burguesa. Mas o argumento parece ir além dessa afirmação, destacando a inexistência de mudanças profundas na própria relação entre as classes e na ordem capitalista dos Estados Unidos, a qual não passaria de uma extensão geográfica daquela civilização europeia, distinguindo-se desta apenas na forma. O argumento parece repetir algumas resenhas publicadas na *Literarische Welt*, as quais destacavam que a literatura realista norte-americana com seus

⁴ Ver a respeito as observações de Vacca (2017, p. 139).

personagens – “capitalistas americanos, predadores modernos em uma luta de classes inexorável” (QT, p. 72) – não passava de uma tradução do naturalismo europeu.

Gramsci parece contestar aquelas leituras do americanismo em voga na Europa, que afirmavam a emergência de uma forma civilizacional que teria superado o capitalismo. Mas destacando exclusivamente a dimensão econômica do processo terminava por contrariar as notas precedentes, em particular o § 61 do *Primo quaderno*, nas quais havia destacado as importantes diferenças sociais e demográficas existentes entre a Europa e os Estados Unidos.

Essa passagem do *Primo quaderno* não foi a única vez que Gramsci se interrogou a respeito da emergência de uma nova civilização na América do Norte. No § 105 do *quaderno 5*, em uma nota inscrita entre novembro e dezembro de 1930, a questão recebeu uma resposta muito diferente. Trata-se de um parágrafo que toma como ponto de partida artigo de Carlo Linati sobre *Babbitt*. O artigo de Linati reproduzia alguns argumentos de um livro de Edgar Ansel Mowrer (1928), ao qual Gramsci não teve acesso direto. Mowrer afirmava que os problemas da Europa não precediam aqueles dos Estados Unidos e sim o contrário: “Se há algum amanhã para uma sociedade enraizada na democracia intelectual e na plutocracia industrial, os Estados Unidos verão ele primeiro. Se não houver nenhum, então as esperanças do mundo deverão repousar insatisfeitas até que o período do Americanismo chegue a seu final” (MOWRER, 1928, p. 3). Gramsci sintetizou a partir de Linati o tema do livro do escritor norte-americano: “Mowrer reconstrói a história cultural dos Estados Unidos até a ruptura do cordão umbilical com a Europa e o advento do americanismo” (Q 5, § 105, p. 633).

Nesse parágrafo o americanismo era visto não a partir da ótica da produção industrial e sim a partir da análise dos grupos intelectuais. *Babbitt*, de Lewis Sinclair e a corrente literária da qual era a manifestação mais importante expressariam a emergência de um novo grupo de intelectuais e de uma nova civilização. O argumento de Mowrer, ao qual Gramsci não se opôs, ressaltava uma descontinuidade entre as formas civilizacionais americana e europeia:

“Que na América há um movimento literário realista que começa por ser crítico dos costumes é um fato cultural muito importante: significa que a autocrítica se estende, ou seja, que nasce uma nova civilização

americana consciente de suas forças e fraquezas: os intelectuais se separam da classe dominante para se juntarem a ela mais intimamente, para ser uma superestrutura verdadeira, e não apenas um elemento inorgânico e indistinto da estrutura-corporação” (Q 5, § 105, p. 633-634).

A questão dos intelectuais era central na reflexão gramsciana sobre os Estados Unidos e foi retomada no importante § 49 do *quaderno 4*, redigido em novembro de 1930, ou seja, de modo quase simultâneo àquele anteriormente indicado. Depois de expor a relação existente entre os intelectuais tradicionais e orgânicos em diferentes países da Europa, anunciou uma importante diferença entre a América e o velho continente, a quase inexistência de intelectuais tradicionais. Segundo Gramsci:

“Nos Estados Unidos, deve ser notada a ausência de intelectuais tradicionais e, portanto, o diferente equilíbrio dos intelectuais em geral; formação maciça na base industrial de todas as superestruturas modernas. A necessidade de um equilíbrio não se deve ao fato de que é necessário mesclar intelectuais orgânicos com os tradicionais que não existem como uma categoria, mas sim mesclar diferentes tipos de culturas trazidas por imigrantes de várias origens nacionais em um único caldeirão nacional” (Q 4, § 49, p. 481).

Na segunda versão da nota, presente no *quaderno 12* e redigida provavelmente entre maio e junho de 1932 foi acrescentada uma pequena ressalva: “a ausência, *em uma certa medida*, dos intelectuais tradicionais” (Q 12, § 11, p. 1527). Mas o sentido da nota foi mantido destacando uma ideia que já havia aparecido no *Primo quaderno* e que foi retomada literalmente no *quaderno 22* com uma importante modificação. Nos Estados Unidos

“A hegemonia surge da fábrica e não precisa de muitos intermediários políticos e ideológicos. As ‘massas’ de Romier são a expressão deste novo tipo de sociedade, em que a ‘estrutura’ imediatamente domina as superestruturas e estas são racionalizadas

“A hegemonia surge da fábrica e não precisa para exercer-se mais do que uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia. O fenômeno das ‘massas’ que tanto preocupou Romier não é senão a forma deste tipo de sociedade racionalizada, em que

(simplificadas e diminuídas em número)” (Q 1, § 62, p. 72).

a 'estrutura' imediatamente domina as superestruturas e estas são 'racionalizadas' (simplificadas e diminuídas em número)” (Q 22, § 22, p. 2146).

Embora Gramsci oscilasse a respeito da emergência de uma nova forma civilizacional capaz de imprimir um novo sentido ao modo de produção capitalista na América não tinha dúvidas a respeito do caráter da hegemonia nos Estados Unidos. Ela diferia substancialmente daquela que tinha lugar na Europa e se distinguiu pelo fato de que na América suas superestruturas se formavam no interior do próprio mundo industrial, seus intelectuais encontravam-se enraizados no mundo da produção e, conseqüentemente, a hegemonia organizava-se a partir da fábrica. Se algo distinguiu a hegemonia burguesa nos Estados Unidos era esta fusão entre estrutura e superestruturas que ocorria na indústria e se difundia por toda a sociedade.

O renitente economicismo presente no *quaderno 3* foi subvertido na análise da questão dos intelectuais. Se por bloco histórico entendermos a unidade entre estrutura e superestrutura, ou seja, como as superestruturas “são o reflexo do conjunto de relações sociais de produção” (Q 8, § 182, p. 1051), então os Estados Unidos constituíam um novo bloco histórico, o qual não era mera extensão, prolongamento ou atualização daquelas formas sociais existentes na Europa.

América Latina

América Latina não recebe a mesma atenção que os Estados Unidos nos *Quaderni*. As fontes citadas são escassas, apenas algumas resenhas publicadas em revistas italianas, e não há indícios de que Gramsci tenha lido algum livro

sobre a história da América Latina.⁵ O número de notas produzidas a partir dessas parcas informações é reduzido, mas ainda assim encerram um conjunto de observações interessantes que podem estimular pesquisas.

O tema principal que emerge dessas notas é o da formação do Estado nacional e dos grupos intelectuais adequados à vida moderna. A questão foi posta por Gramsci já no *Primo quaderno*, em uma nota que iniciava com uma observação sobre os estadistas católicos, mas abruptamente mudava de rumo para anunciar uma tese que seria repetida outras vezes. De acordo com Gramsci, na “América espanhola e portuguesa (...) ainda se atravessa um período de ancora si atravessa um período di *Kulturkampf* primitivo, isto é, onde o Estado moderno ainda deve lutar contra o passado clerical e feudal” (Q 1, § 107, p. 098).

A existência de uma *Kulturkampf* ainda inconclusa na América Latina aparecerá ainda registrada em outras notas escritas entre 1929 e 1930. É o caso, por exemplo, do § 5 do *quaderno 3*: “Pode-se dizer que todos os estados da América Central e do Sul (exceto a Argentina, talvez) devem passar pela fase de *Kulturkampf* e pelo advento do estado laico moderno (a luta do México contra o clericalismo dá um exemplo dessa fase)” (Q 3, § 5, p. 290). E mais uma vez na longa nota sobre os intelectuais presente no *quaderno 4*: “Em geral, pode-se dizer que na América do Sul e Central ainda existe uma situação do *Kulturkampf* e de processo Dreyfus, isto é, uma situação em que o elemento laico e civil não passou da fase de subordinação à política laica do clero e da casta militar” (Q 4, § 49, p. 482).

⁵ Sobre a questão da imigração, em especial a italiana, na América Latina, Gramsci cita o discurso do deputado Enrico Ferri na Câmara dos Deputados, sintetizado no *Avanti!* (12 mar. 1911). Na discussão sobre a *Kulturekampf* no continente fez referência à biografia do presidente ultracatólico do Equador, García Moreno, mas pensou, equivocadamente, que ele fosse venezuelano. A fonte era uma pequena resenha publicada na *Rivista d'Italia* (anno XXX, fasc. I, 15 gen. 11927). Gramsci fez ainda referência às missões jesuíticas no Paraguai e à obra de Ludovico Antonio Muratori, *Il Cristianesimo felice nelle missioni de' padri della Compagnia di Gesù* (1752), mas sua fonte foi provavelmente *La Civiltà Cattolica* (anno LXXX, v. III, 7 set. 1929), e ao protestantismo na América Latina (*La Civiltà Cattolica*, anno LXXXI, v. I-III, 1º mar., 15 mar. e 5 apr.). Uma das fontes mais importantes na reflexão gramsciana sobre a América Latina é o artigo de Lamberti Sorrentino, “Latinità dell'America”, publicado em *L'Italia letteraria* (anno I, n. 38, 22 dic. 1929). Boa parte do § 5 do *quaderno 3*, intitulado “America”, é uma transcrição desse artigo na qual as observações de Gramsci estão entre parênteses. Pontos importantes desse texto foram retomados no § 49 do *quaderno 4*, dedicado ao tema dos intelectuais.

O retrato da América Latina que emerge destas notas é o de uma sociedade de desenvolvimento desigual e combinado, no qual o velho convivia com o novo, o moderno com o arcaico, de modo contraditório: “É interessante notar essa contradição que existe na América do Sul entre o mundo moderno das grandes cidades comerciais do litoral e o primitivismo do interior” (Q 1, § 107, p. 098). Esse modo contraditório expressava-se na formação dos grupos intelectuais e dirigentes, tema tratado na já citada nota do *quaderno 4*. Nessa anotação, dizia-se que na América meridional e Central o clero e a casta militar herdadas da colonização espanhola e portuguesa encontravam-se cristalizadas, fornecendo os quadros intelectuais necessários. Por sua vez, ao contrário dos Estados Unidos, a indústria e as superestruturas correspondentes eram pouco desenvolvidas na América Latina, predominando, assim, os intelectuais de tipo rural, vinculados ao latifúndio (Q 4, § 48, p. 481-482).

A nota do *quaderno 4* continha aspectos dúbios e imprecisões que Gramsci procurou corrigir nas pequenas alterações que fez na segunda versão dessa nota, publicada no *quaderno 12*. A mais importante diz respeito à caracterização dos intelectuais vinculados à Igreja e ao Exército. Em sua primeira versão, o sardo afirmava que na América do Sul e Central “não existe uma categoria de intelectuais tradicionais”, reproduzindo de modo literal o que havia afirmado com relação aos Estados Unidos (Q 4 § 48, p. 481). Em sua segunda versão, escreveu que essa categoria de intelectuais tradicionais existia, embora não fosse vasta, e que era composta, justamente, pelo clero e pelos militares, “duas categorias de intelectuais tradicionais fossilizadas nas formas da pátria mãe europeia” dos séculos XVI e XVII, caracterizadas pela contrarreforma e pelo parasitismo militar (Q 12 § 11, p. 1528-1529).

Gramsci via um duplo movimento histórico. Por um lado, identificava um confronto na América meridional entre a cultura europeia e as culturas pré-capitalistas marcadas pela presença de indígenas, chamados em outra nota “peles vermelhas” (Q 3, § 5, p. 290). A maneira de por o problema e o léxico utilizado indicam um olhar ainda eurocêntrico. Nesse confronto, até mesmo o jesuitismo poderia ser considerado “um progresso em confronto da idolatria” “de grandes massas de aborígenes”, embora nas grandes cidades costeiras esse catolicismo radical representasse um “obstáculo para o desenvolvimento da civilização moderna (...): serve como um meio de governo para manter as

pequenas oligarquias tradicionais no poder, que, portanto, só fazem uma luta suave e branda” (Q 1, § 107, p. 098). Por outro lado, haveria uma oposição entre a cultura clerical e militar, herdada de Portugal e Espanha, e uma cultura mais moderna que se expressava na Igreja positivista e na maçonaria, as quais seriam “as ideologias e as religiões laicas da pequena burguesia urbana” (Q 1, § 107, p. 098). Estas últimas formas, entretanto, somente poderiam ser consideradas como formas intelectuais de transição, incapazes de desenvolver em seu interior uma nova cultura integral, mas, ao mesmo tempo, sinais da emergência de uma necessária *Kulturkampf*.⁶

Os temas eram anunciados, mas não desenvolvidos. Ainda assim, Gramsci identificou alguns fenômenos importantes, como a influência da colonização portuguesa e espanhola primeiro, o caráter fragmentado e subalterno do continente e a influência cultural da França como reação a esse passado colonial na América Latina independente, bem como a presença anglo-saxã na cultura Argentina, considerado “o país mais europeu e latino da América” (Q 3, § 5, p. 291).

Iberismo

As hipóteses de Gramsci a respeito dos intelectuais na América Latina integravam uma reflexão sobre a formação dos Estados nacionais e o lugar dos intelectuais nesse processo. Nessas notas, intuiu, mas não desenvolveu a contraposição entre americanismo e iberismo. As notas sobre a América Latina, embora escassas, são notáveis porque oferecem um contraponto ao desenvolvimento do americanismo e dos grupos intelectuais próprios a essa

⁶ Talvez a fonte de Gramsci sobre esse assunto seja direta e decorrente de sua participação nas discussões realizadas no 4º Congresso da Internacional Comunista sobre o reconhecimento do Partido Comunista do Brasil como membro. Esta discussão terminou com o conhecido caso Canellas. O partido brasileiro havia enviado a Moscou Antonio Canellas como representante, um militante influenciado pelo anarquismo e membro da maçonaria. A missão foi um desastre completo, Canellas foi vítima do sarcasmo de Trotsky e o partido brasileiro não foi reconhecido. Gramsci participou da discussão no Congresso sobre este assunto. Em seu relatório para a liderança do partido brasileiro, Canellas fez referência rápida à participação de “Gramschi” no comitê que discutiu o caso. Esta é a primeira vez que o nome do marxista sardo aparece no Brasil (CANELLAS, 1982 [1922], p. 43)

nova forma. Um novo tipo intelectual havia nascido no interior do aparelho produtivo nos Estados Unidos. Enquanto isso, na América Latina, os intelectuais provinham majoritariamente dos aparelhos eclesiástico e militar. As formas da hegemonia nessas duas situações não poderiam ser iguais. Enquanto no americanismo a hegemonia nascia vigorosamente da fábrica e se difundia pelo tecido social, nas nações latino-americanas a dominação pareceria ter lugar sem uma hegemonia, uma ideia que Ranajit Guha (1997) utilizaria em seus estudos sobre a Índia Colonial.

A contraposição entre americanismo e iberismo tem longo curso no estudo da sociedade brasileira. Tais noções organizavam, por exemplo, o argumento de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, obra que inaugurou um filão interpretativo que está muito longe de ter demonstrado esgotamento (Holanda, 1989 [1936]). Segundo Buarque de Holanda:

“Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as ressonâncias últimas do lento cataclismo, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério” (*Ibid.*, 1989 [1936], p. 127).

Este autor oscilou em sua relação com o americanismo de uma recusa frontal na juventude, como no ensaio “A quimera do monroísmo” (*Ibid.*, 2011 [1920]), passou a uma aceitação comedida em “Considerações sobre o americanismo” (*Ibid.*, 1978 [1941]) e nos ensaios que publicou no mesmo ano sobre a literatura americana (*Ibid.*, 2011 [1941]-a; 2011 [1941]-b).⁷ Seguindo essa trilha Richard Morse (1988) procurou revalorizar as raízes ibéricas da cultura brasileira, as quais não apenas explicariam o fracasso dos projetos modernizantes e liberalizantes, como poderiam servir de guia para o mundo anglo-saxão reencontrar seu destino, superando sua profunda crise moral e existencial.

A reconciliação entre o americanismo e o iberismo veio por meio de Luiz Werneck Vianna, segundo o qual haveria dois tipos de americanismos. Aquele

⁷ Essa mudança foi argutamente percebida por Monteiro (2009, p. 169n).

das elites, estaria “condenado a carregar em si o lastro histórico da Ibéria” e a ser “mais uma ideologia para uso instrumental dos novos interesses econômicos, que uma reforma intelectual, moral e prática da sociedade”. O americanismo dos subalternos, por sua vez, ao mesmo tempo em que “impôs uma ‘revolução dos interesses’ como uma nova realidade no mercado de trabalho (...), adere à compreensão tipicamente ibérica da primazia do público sobre o privado, visando democratizar aquela primeira dimensão” (VIANNA, 1991, p. 181).

Embora a abordagem de Vianna permita compreender as múltiplas modalidades de manifestação do americanismo na América Latina ela não reserva muito espaço para as culturas subalternas autóctones. Entre a Ibéria e a América haveria pouco lugar para uma cultura que não fosse a simples acomodação dessas duas forças. Gramsci parece ter intuído os problemas decorrentes de uma visão excessivamente europeizante e nos *Quaderni* interrogou-se: “seria útil acessar informações sobre a posição social destes peles vermelhas, sobre sua importância econômica, sobre sua participação na propriedade da terra e na produção industrial” (Q 3, § 5, p. 290). Essa questão é análoga àquela observação que fez no *quaderno* 4 a respeito dos intelectuais negros na América: “Uma manifestação ainda a ser estudada na América é a formação de um número surpreendente de intelectuais negros que absorvem a cultura e técnica americana” (Q 4, § 49, p. 481).

O presença na América e na América Latina de grupos subalternos – negros e indígenas – cujas culturas não poderiam ser reduzidas de modo simples à cultura europeia tornavam mais complexa a investigação sobre a questão política dos intelectuais e a formação dos modernos Estados nacionais no extremo Ocidente. Nos *Quaderni* foi tematizada, embora não aprofundada, a emergência de culturas híbridas que pavimentam um caminho diferente para uma modernidade sempre incompleta, também ela mestiça (CANCLINI, 1990) Estes aspectos não foram até hoje objeto de muita atenção nos estudos gramscianos, nos quais predominou uma leitura eurocêntrica do americanismo. Mas a possibilidade de uma abordagem mais matizada, embora ainda contaminada por esse eurocentrismo, já se encontrava nos *Quaderni*. Esta permanece como uma referencia importante para novas pesquisas.

Referências bibliográficas

- BARATTA, Giorgio. *Le rose e i quaderni: il pensiero dialogico do Antonio Gramsci*. Roma: Carocci, 2003.
- CANELLAS, Antonio. Relatório Canellas. In: VINHAS, Moisés. *O partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec, 1982 [1922]. p. 18-65.
- DE FELICE, Franco. Una chiave di lettura in Americanismo e fordismo. In: DE FELICE, Franco. *Il presente como storia: a cura di Gregorio Sargonà e Ermano Taviani*. Roma: Carocci, 2016 [1972]. p. 243-254.
- _____. Rivoluzione passiva, fascismo, americanismo in Gramsci. In: De Felice, Franco. *Il presente como storia: a cura di Gregorio Sargonà e Ermano Taviani*. Roma: Carocci, 2016 [1977]. p. 315-368.
- FRANCIONI, Gianni. *L'officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas : estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México, D.F.: 1990.
- GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere (1926-1937): a cura di Antonio A. Santucci*. Palermo: Sellerio, 1996. (Citado como L.)
- _____. *Quaderni del carcere: edizione a cura di Valentino Gerratana*. Torino: Einaudi, 1977. (Citado como Q.)
- _____. *Quaderni di traduzioni (1929-1932)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2007. (citado como QT.)
- GUHA, Ranajit. *Dominance without hegemony: history and power in colonial India*. Cambridge, MA: 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978 [1941]. p. 23-27.
- _____. *Raízes do Brasil*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 [1936].
- _____. A quimera do monroísmo. In: COSTA, Marcos. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, v. I (1920-1949), 2011 [1920]. p. 8-11.
- _____. Letras norte-americanas I. In: COSTA, Marcos. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Unesp, v. I (1920-1949), 2011 [1941]-a. p. 232-234.

- _____. Letras norte-americanas II. In: Costa, Marcos. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Unesp, v. I (1920-1949), 2011 [1941]-b. p. 235-238.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MONTEIRO, Pedro Meira. As raízes do Brasil no espelho de Próspero. *Novos Estudos CEBRAP*, p. 159-182, 2009.
- MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero : cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MOWRER, Edgar Ansel. *This American world*. London: Faber & Gwyer, 1928.
- VACCA, Giuseppe. *Modernità alternative: il Novecento di Antonio Gramsci*. Torino: Einaudi, 2017.
- VIANNA, Luiz Werneck. Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. *Dados*, v. 34, n. 2, p. 145-189, 1991.